



MISCELÂNEOS | MISCELÂNEOS | DIVERS

Fermentario N. 9, Vol. 2 (2015)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien, Sorbonne. www.ceaq-sorbonne.org

MOVIMENTOS E DOBRAS INVENTIVAS NO EXPERIMENTO¹

FORMATIVO DE ZARATUSTRA COMO EDUCADOR

Maria dos Remédios de Brito²

RESUMO: O presente trabalho objetiva destacar alguns apontamentos sobre a obra *Assim Falou Zaratustra (Za/ZA)*, tomando como hipótese que Zaratustra, personagem central, é educador, pois fomenta um experimento formativo que perpassa pelo *como se tornar o que se é*. Zaratustra é educador não por impor regras, condutas moralizantes, leis, normas, mas por fomentar movimentos, plasticidades, dobramentos, vivências e experimentações consigo mesmo. O seu exercício formativo leva-nos ao encontro de nós mesmos rumo a nossa própria singularidade.

¹O experimentalismo, em Nietzsche não pode ser entendido da mesma forma que nas ciências naturais. Como coloca Scarlett Marton: "Cabe ressaltar o caráter fundamentalmente experimental do pensamento nietzscheano. Os aforismos, tentativas renovadas de refletir sobre algumas questões, possibilitariam experimentos com o pensar. São vários os textos em que o próprio Nietzsche convida o leitor à experimentação, seja por entender que nós, humanos, não passamos de experiências ou por acreditar que não nos devemos furtar a fazer experiências com nós mesmos. Em seus escritos, a intenção de fazer experimentos com o pensar encontra tradução em perseguir uma ideia de vários ângulos de visão, tratar de um tema assumindo diversos pontos de vista, enfim, refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas (Cf: Nietzsche: A transvaloração dos valores, p. 47). Sobre essa questão, ver também o livro (Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos, p. 32/33). Kaufman exemplifica o uso do aforismo em Nietzsche como forma deste pensador exercitar o seu próprio pensar. (Cf: KAUFMAN, Walter. Nietzsche: Philosopher, psychologist, antichrist. Princeton: Princeton University Press, 1974). Para Éric Blonde. Nietzsche e a sua linguagem, o seu modo de fazer filosofia o torna diferenciado. (Cf: BLONDEL. Éric. As aspas de Nietzsche: filologia e genealogia. In: Nietzsche hoje? MARTON, Scarlett. (Org) São Paulo: Brasiliense, 1985). É por isso que Ronald Hayman diz que Nietzsche "cultiva diferentes vozes" e, por isso, o seu próprio modo de pensar não pode ser aprisionado. (Cf: HAYMAN. Ronald. Nietzsche. 2000, p. 10).

² Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, Mestre, Doutora em Filosofia da Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Professora de Filosofia da Educação, Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Matemática e Científica.

PALAVRA-CHAVES: Zaratustra como educador; Formação (*Bildung*); Assim Falou Zaratustra

MOVIMIENTOS Y DOBRAS INVENTIVAS EN EL EXPERIMENTO¹ FORMATIVO DE ZARATUSTRAS COMO EDUCADOR

RESUMEN: el presente trabajo tiene por objetivo destacar algunos apontamentos sobre la obra *así habló Zaratustra(Za/ZA)*, tomando como hipótese que Zaratustra, el personaje central, es educador, pues formenta um experimento formativo que pasa por el **como tornar se el que es**. Zaratustra es educador y no por inponer reglas, condutas moralizantes, leyes, normas, mas por fomentar movimientos, plasticidad, dobramentos, vivencias y experimentos consigo mismo. Su ejercicio formativo nos lleva al encuentro de nosotros mismos rumo a la nuestra singularidade.

PALAVRAS CLAVES: Zaratustra como educador; Formación (*bildung*); así habló Zaratustra.

MOVEMENTS AND INVENTIVE FOLDS IN THE FORMATIVE EXPERIMENT OF ZARATUSTRAS AS EDUCATOR

ABSTRACT: This work aims to highlight some points about the work "Thus spoke Zarathustra" taking as hypothesis that Zarathustra, the main character is an educator, it foments a formative experience that pass through of "how to become what it is". Zarathustra is an educator, not to impose rules, moralizing conducts, laws and regulations, but by stimulate movements, plasticity, folding, experiences and experimentations with himself. His training exercise leads us to meet ourselves towards our own uniqueness.

Keywords: Zarathustra as educator; Formation (Building); Thus spoke Zarathustra.

I

É bom lembrar que o pensamento de Nietzsche³ se enreda em uma multiplicidade interpretativa, dando mobilidade para que seu leitor experimente o pensar. A obra⁴

³Para um conhecimento da biografia de Nietzsche, para aqueles não familiarizados, consultar as obras: HALÉLY, Daniel. Nietzsche: uma biografia. Trad. Roberto Contes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

JANZ, Curt. Paul. Friederick Nietzsche; Infância y Juventud. Trad. Jacobo Muños. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

JANZ, Curt. Paul. Friederick Nietzsche; Los diez años de Basileia 1869/1879. Trad. Jacob Muños. Madrid: Alianza editorial, 1987.

JANZ, Curt. Paul. Friedrick Nietzsche; Los diez años como filósofo errante 1879/1888. Trad. Jacob Muños. Madrid: Alianza editorial, 1994.

MARTON, Scarlett. Nietzsche: uma filosofia a marteladas. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SAFRANSKI, Rüdiger. Nietzsche: Biografia de uma tragédia. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração editoria, 2001.

HOLLINGDALE, R. J. Nietzsche: The man and His Philosophy. Revised Edition. Cambridge. University Press, 2001

⁴"Assim Falou Zaratustra- Za/ZA" é obra que apresenta uma variedade de interpretações a respeito do seu estilo. Erwin Rohde, um dos amigos de Nietzsche, em uma carta de 2 de dezembro de 1883, diz que o livro é um poema didático. Köselitz em uma carta de 6 de abril de 1883 o chama de livro sagrado. Paul Curtz, na biografia de Nietzsche, chama atenção de que Nietzsche pretendia fazer de Zaratustra uma grande sinfonia (Cf: CURTZ. Paul. N. II, p. 211/220), mas também o caracteriza como um poema filosófico - didático (Cf: JANZ, Curtz. Paul. N. III, p. 486). E o próprio Nietzsche coloca em carta a Rohde de 22 de fevereiro de 1884 "os três atos de Zaratustra estão já

"Assim Falou Zaratustra-Za/ZA" pode conservar a compreensão de um poema didático em prosa, a presença e a leveza musical, a linguagem poética refinada e controvertida, bem como pode ser vista como um romance de formação⁵ (*Bildungsroman*). E é nesta

terminados (...)" (Cf: NIETZSCHE, Despojos de uma tragédia, p. 236). E no *Ecce Homo* diz: "*talvez se possa ver o Zaratustra inteiro como música (...)*" (Cf: NIETZSCHE, EH/EH. "Assim falou Zaratustra" § 1). Em carta a Peter Gast de 1 de fevereiro de 1883 com *Za/ZA* entra em um novo círculo (Cf: NIETZSCHE, Despojos de uma tragédia, p. 215) e conferir a tradução francesa de Louise Servicem. Tome Second 28. Editions Du Rocher. Monaco. Roger Hollinrake diz que Zaratustra é um poema em prosa, quando cita a carta de Josef Paneth de 3 de janeiro de 1884 em que Nietzsche se refere à obra como um poema (Cf: HOLLINRAKE, R. Nietzsche e Wagner: e a filosofia do pessimismo, p. 18). Há também intérpretes que afirmam que a obra tem características de romance de formação, estilo divulgado na Alemanha, por Goethe (Wilhelm Meister) e Hölderlin (Hipérion), no início do século XIX (filósofos e poetas bastante queridos por Nietzsche em sua juventude). Num texto de Roberto Machado intitulado: "Zaratustra, o apolíneo e o dionisíaco", ele esclarece a sua hipótese a respeito de sua interpretação de "Za/ZA". Cito-o: "minha interpretação de Assim Falou Zaratustra tem como uma de suas hipóteses básicas a existência de uma singularidade estilística do livro, tanto em relação à escrita filosófica em geral quanto à obra de Nietzsche em particular, que se manifesta de duas maneiras principais: a) pelo deslocamento de uma linguagem conceitual a uma linguagem artística, ou, mais precisamente, uma linguagem poética; b) pelo deslocamento de uma linguagem sistemática, argumentativa, que propõe uma teoria, característica da filosofia em quase a sua totalidade, a uma linguagem construída de forma narrativa e dramática. Parto, portanto, de duas hipóteses interpretativas do estilo de Nietzsche. 1) que, ao escrever Assim Falou Zaratustra, Nietzsche não está propriamente interessado em renovar ou modificar os conceitos da filosofia; seu objetivo principal, do ponto de vista da forma de expressão, é libertar a palavra do conceito, que ele sempre considerou como expressão da racionalidade, construindo um pensamento filosófico trágico através da palavra poética. 2) que Assim Falou Zaratustra pretende escapar da ideia de sistema de um modo específico: através da narrativa e do drama, formas que, em consonância com a temática do apolíneo e do dionisíaco, aproximam o livro tanto da epopeia quanto da tragédia. Assim Falou Zaratustra é, deste modo, uma narrativa dramática que tem como objetivo apresentar as experiências de Zaratustra, o personagem central, considerando-o como um herói trágico." (Cf: MACHADO, Roberto. Zaratustra, o apolíneo e o dionisíaco. In: Assim Falou Nietzsche. (Orgs) Olímpio José Pimenta Neto e Miguel Angel de Barrenechea. UFOP. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999, p. 72).

⁵ Para esclarecer: "Existe uma variante específica de gênero romanesco que se chama romance de educação ou de formação (*Erziehungsroman* ou *Bildungsroman*). Costuma-se relacionar a essa variante do gênero(...) os seguintes tipos básicos: (...) Emílio de Rousseau, (...) Agathon de Wieland, Tobias Knaut de Wetzel, correntes de vida por linhas ascendentes de Hippel, Wilhelm Meister de Goethe (os dois romances) (...) está claro que a série que acabamos de mencionar contém fenômenos por demais heterogêneos tanto de um ponto de vista teórico como de um ponto de vista histórico (...) Certos romances têm um caráter puramente biográfico e autobiográfico, outros não; uns organizam-se em torno da ideia pedagógica da educação do homem, outros se distanciam delas (...) uns seguem um plano rigorosamente cronológico, uma evolução no aprendizado do protagonista (...) outros, pelo contrário, organizam-se em torno de um enredo (...). Na maioria dos casos, o romance conhece apenas a imagem preestabelecida do herói (...). Na maioria das variantes do gênero romanesco, o enredo, a composição e toda a estrutura interna do romance postulam a imutabilidade, a firmeza da viagem do herói, a unidade estática (...) sejam quais foram as diferenças estruturais da própria imagem, o herói não tem mobilidade, nem devir (...) é o ponto imóvel e imutável. Ao lado desse tipo predominante, há outro tipo de romance, muito mais raro, que apresenta o homem em devir, uma unidade dinâmica (...), numa acepção muito mais ampla de romance de formação, a formação do homem varia, porém, conforme o grau de animação, (...) desenrolar da vida (desde a infância até a velhice) (...) é um tipo de evolução cíclica (...) consiste em representar um tipo de desenvolvimento típico, repetitivo, que transforma o adulto sóbrio e prático - uma trajetória que, no final, é acompanhada de graus variáveis de ceptismo e resignação (...). Este tipo, em sua forma mais pura, é representado pelo romance clássico de formação da segunda metade do século XVIII (...) Elementos desse tipo aparecem, sobretudo, em Goethe. (Cf: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 235-238). A partir da citação acima é possível notar a ideia mais constante nos romances de formação: a evolução, a linearidade, organicidade, o mundo e a vida imóvel, concluída. De modo geral, há a presença de uma estabilidade, o indivíduo se desenvolve de uma menoridade para a maioridade, da mesma forma que se pode notar a presença de um indivíduo adaptável, submetido às leis e às normas da vida. Mesmo na possibilidade de o mundo ser visto como experiência há algo já estabelecido. Mesmo em um romance de Wilhelm Meister de Goethe, em que a formação já se apresenta em reflexão de si mesmo e do mundo, ainda há a presença de uma força organizadora, de uma certa forma unitária. Há ainda a ideia de um desenvolvimento integral. Sobretudo, a leitura de *Za/ZA* extrapola todo tipo de linearidade, de evolução, de organicidade, de estabilidade, de unidade, de adaptação, de resignação às leis, às normas. A leitura de Zaratustra, apesar de ser interpretada na perspectiva de romance de formação, se constitui em uma reviravolta dessa perspectiva de formação, pois o formativo para ele está para além do que é dado, fixado; ao contrário de tudo isso, o indivíduo é um devir constante, não pode ser visto determinado em sua historicidade e cultura. Além disso, a obra nos mostra uma crítica feroz ao modo de vida, de cultura e de educação do homem moderno, este homem que já não sabe criar, pensar, se impor como indivíduo, e, numa era de mediocridade, há uma convocação forte para o experimento rigoroso

caracterização que, em última instância, a obra também pode ser interpretada. Sem querer ser vista como um sistema, trabalha com o drama, a narrativa, a forma poética. O personagem central - Zaratustra⁶- mostra o seu aprendizado, o seu *como se tornar o que se é*: movimentando-se na contradição, fomenta seu aprender diante de suas metamorfoses, ou seja, ele se transforma, se avalia, se procura, se coloca e se altera. A sua formação delimita algo bastante expressivo em Nietzsche, que é a experimentação, e esta se converte em viagem, passagem e enfrentamento. Ensina pelo exemplo⁷, mostra que a formação é uma tentativa, é um se perder e se encontrar e vice-versa.

Os fracassos de Zaratustra são tentativas de aprender. Mostrando-se alegre, triste, convalescente, sofrendo, enfrentando o temor, o declínio, a desventura e o abismo, ele também é afirmativo. Com tudo isso, ele vai compondo a sua vida e a sua historicidade. Sem querer fugir do seu destino, receia, tem medo, mas encontra dentro de si mesmo a força que seja capaz de aniquilar e criar.

Neste sentido, concordamos com a análise de Roberto Machado de que *Assim Falou Zaratustra é a narração dramática do aprendizado trágico de Zaratustra* (MACHADO, R. 1997, p. 29). Ainda segundo este autor, a obra é uma narrativa que objetiva apresentar fundamentalmente as experiências⁸ do personagem central (MACHADO, R. 1997, p. 26). *Que tipo de experiência? (Erfahrung)*:

de si mesmo, uma provocação, um chamamento à responsabilidade individual, e até mesmo uma ampliação para se ver a miséria do seu tempo. Neste sentido, o personagem central convoca a si mesmo para esse experimento.

⁶Gilles Deleuze enfatiza que o Zaratustra, comparado ao resto da obra de Nietzsche, está nos planos intertextuais da filosofia e da arte, pois os conceitos e personagens tomam contornos sutis entre figuras estéticas, criando planos complexos de análises. Para Deleuze, Zaratustra é um personagem conceitual, mas também de música e de teatro. Como Deleuze, Zaratustra é, neste texto, visto sob essa perspectiva do personagem conceitual. O termo personagem conceitual é utilizado por Deleuze na obra "O que é filosofia?" e diz que "O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o indivíduo de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são antecessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os "heterônimos" do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de suas personagens (...) O personagem conceitual nada tem a ver com a personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. O filósofo é a idiosincrasia de seus personagens conceituais (...). O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia que vale para o filósofo (...)"(Cf: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. O que é filosofia? Trad. Bento Prado Junior. Ed. 34, p. 86) A professora Scarlett Marton afirma que Zaratustra é o alter ego de Nietzsche, como diz "o alter ego do filósofo" (...) (Cf: MARTON. Scarlett. Em busca do discípulo tão amado: uma análise conceitual do prólogo de Assim Falou Zaratustra. In: Revista Impulso, v. 12. n. 28, p. 25).

⁷Entende-se que Zaratustra é exemplar, contudo seu exemplo não é exigente de imitação, o próprio Zaratustra se mostra como alguém avesso a todo tipo de dogmas e a seguidores alienados. Zaratustra se torna exemplar por seus discursos apresentados nas suas narrativas, porque se mostra com uma perspectiva trágica. Isto configura sua singularidade: o repúdio à crença, à fé, e a todo tipo de santificação, e até mesmo de imitação. Sua afirmativa exemplar se mostra por não negar o abismo, a vertigem. Sabe suportar o trágico, o declínio, a passagem para se tornar afirmativo por excelência, e isto é impossível de imitação. No entanto, sua fala, sua coragem, seu enfrentamento, podem tocar naqueles espíritos que pensam a partir da distância sem com isto tornarem-se imitadores. A questão do exemplo, em Nietzsche, não deve ser entendida como uma prisão, ele é uma espécie de convite para que cada um encontre o seu próprio rumo. Nietzsche não pretendia falar de cópias a serem imitadas, mas, acima de tudo, de naturezas rebeldes, que fossem capazes de falar sua própria linguagem. Há, no exemplar, uma imagem sempre para se desfazer, ser alterada, mudada, pois ele corre o risco de ser estorvo. Ele é uma inspiração, sem no entanto ser uma imposição a ser dada e moldada, pois isto negaria a capacidade de o homem criar e Nietzsche não é a favor disto.

⁸A palavra experiência vem do latim *experire*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro, uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *priori*, que se encontra também em

Expor, a propósito de Zaratustra, o ideal dos sacrifícios necessários: abandonar seu lugar natal, sua família, sua pátria. Viver sob o desprezo da moralidade reinante. Tormento das tentativas e fracassos. Desligamentos de todas as alegrias que oferecem os antigos ideais (MACHADO, R. 1997, p. 25)

O aprendizado de Zaratustra não pode ser compreendido pela ideia de evolução, certezas, harmonia ou estabilidade, ao contrário, ele desafia todo tipo de comodidade, tudo que possa viabilizar a boa conduta e o bom comportamento, por isso, sem receio, abandona seu lugar natal, sua família, sua pátria e se permite o desligamento das alegrias dos pequenos ideais.

A obra é, neste caso, refletida sob a perspectiva de um relato de formação no processo pelo qual Zaratustra busca "*como se tornar o que se é*", sendo caracterizado por todas as suas transformações e desdobramentos, demonstrando que não pode haver uma unidade e estabilidade na formação. Ao longo de todo o livro ele vai fazendo o seu percurso e até modificando sua compreensão de si mesmo e daquilo que ensina. Ele se avalia, retorna, se expõe, se recolhe, caminha para a solidão, necessita dos homens, se afasta deles, mostrando que no seu educar há tanto a "necessidade" como o justo exercício "criativo da liberdade" para tornar-se (se educa a si mesmo). Segundo Laurence Lampert, (1979, p. 309) Zaratustra é um livro de insinuações, pelo qual o personagem central torna-se mais profundo à medida que o livro vai tendo a sua continuidade.

Em cada uma das quatro partes do livro, Zaratustra se expõe de uma maneira. Ele vai se arriscando naquilo que julga necessário para o seu aprendizado, e isto será mais bem visualizado nos capítulos posteriores, em que seus experimentos/vivências serão detalhados. O mais importante em Zaratustra não são as coisas expostas com maior frequência, mas aquelas que passam quase esquecidas (LAMPERT, 1979, p. 310). O livro todo permite ao personagem central sofrer muitas mudanças, passar por

periculum, perigo. A raiz indo-europeia é per, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, o percorrido, a passagem: peirô, atravessar, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados desta raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: peirô, atravessar; pera, mais além; peraô, passar através; perainô, ir até o fim; peras, limite. (...) O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele a prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, passagem, de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente ex-iste de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão experiência é Erfahrung, que contém o fahren de viajar. E do antigo alto-alemão fará também deriva Gefahr, perigo e gefährden, pôr em perigo." (Cf: LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Leituras SME. Julho, 2004. n. 4) . Este autor é expressamente influenciado pelo pensamento nietzscheano.

vários movimentos e dobras. A sua procura é achar o brilho e o sol de si mesmo. A obra, por assim dizer, é uma celebração da vida, uma provocação, e, por outros motivos, uma espera.

Portanto, Zaratustra quer mostrar que a vida se quer na dinamicidade do existir, do expandir. Aceitar este ensinamento não é algo simples, quando se vive em uma cultura em que se educa para a tranquilidade. Esta cultura parece querer neutralizar o movimento, o tensional, pois isto causa insegurança e medo. Assim, a própria necessidade da harmonia e da solidez fazem parte da conservação do homem. Entrementes, o aprendizado de Zaratustra, os dramas, os diálogos, os encontros, os desencontros, as conversas com os discípulos, os animais seus companheiros, os monólogos, os desafios, as figuras encontradas, as cenas sentidas, enfim, a diversidade de temáticas tratadas caminham para um percurso não linear, apresentando, sim, momentos contraditórios, dobras que se desdobram em dobras diante de uma pintura retalhada e controversa. Tudo isso passa na filosofia de Zaratustra: os caminhos se movendo, sendo errantes, levando a diferentes labirintos, convidando para diferentes vivências e perspectivas. Não é como um movimento linearizado que o personagem central, Zaratustra, deve ser compreendido, nem como uma vida humanizada na vulgaridade. Nota-se que a apreensão de uma formação bem equilibrada perdeu, necessariamente, o sentido, pois Zaratustra denuncia a sua impossibilidade, e mostra a ideia de invenção/criação.

Neste sentido, o romance de formação (*Bildungsroman*), como se vê em "Za/ZA," articula a ideia processual de uma narrativa exemplar pelo qual um indivíduo abandona sua casa, sua família para ir à viagem de si mesmo. E o seu itinerário está repleto de acontecimentos, o que requer também uma viagem interior, uma autodeterminação, uma procura, uma autorealização, exigências de quem experimenta aprender, desaprender e perder a si mesmo. Tal é o despojamento feito pelo personagem central.

O mundo apresentado por Zaratustra demanda tantas sutilezas que vai cortando tanto o interior da beleza e da sujeira, como do estropiado e da nobreza, da riqueza e da pobreza da vida. Vai de um pensamento que atravessa o solo da cultura ao formativo. Assim, expõe sua relação com o mundo diante de uma teatralidade em aberto, da dramaticidade, do canto e da poesia, usando de diferentes linguagens e cenas na atividade criadora de si mesmo, pois é a vida que se mostra, tanto a dele próprio como a dos homens em geral. Não receia mover os porões sujos e imundos de um mundo

fincado na necessidade do semelhante, da massificação, e ao mesmo tempo expor o duro trabalho de aniquilamento e de criação. Ele se movimenta diante de um mundo envelhecido, que precisa ser derrubado para ser criado um novo mundo, o qual é colocado como necessário.

Nietzsche pretende mostrar a trajetória de Zaratustra: ele, passando pelo trágico, se apresenta como afirmativo. Todas as partes do livro são a história do seu aprendizado, como um viver que se desdobra diante da descida, da subida, da dor, da dúvida, da insegurança, do terror, da náusea e da felicidade. O personagem não é imutável: trabalha, cresce, se perde, se recolhe, se transforma, ou seja, educa-se pelo seu viver. O seu aspecto formativo é relevante, porque aponta para um tipo de formação não previsível, divergente, desconcertante, deseducando a educação dos fundamentos, dos métodos bem dados e formados, da individualidade acabada, da vida sem quebras e sem tragicidade. O personagem central nem de longe almeja uma condução linearizada, o equilíbrio, a boa reputação. Dessa forma, mexe com toda perspectiva de formação que exige o desenvolvimento progressivo.

Foge do padrão, traz para o plano da poética e da narrativa uma perspectiva de formação, que passa do plano individual para o outro, no sentido de afetar os seus leitores por tudo aquilo que aprende e descobre, por tudo que vive e rejeita. E assim "educa-os". É como se usasse a si mesmo como estratégia, como uma espécie de isca. Com isso livra-se de ser interpretado como doutrinador. Não impõe um tipo de formação, um receituário, um exercício para a boa conduta ou mera instrução; ao contrário, abandona todo tipo de perspectiva de educação ordinária. Ele usa-se a si mesmo e as suas vivências para dizer aquilo que a cultura esconde e nega, daí sua importância a ser percebida na Filosofia da Educação como obra formativa.

Nietzsche nos leva a pensar que a educação, o cultivo de si, a experiência criadora não podem ser compreendidos fora da tensão, do erro, da incerteza. A educação é um tatear, é uma abertura para tudo aquilo que não se sabe verdadeiramente como vai se dar, porque todos nós, por meio de nossas relações, encontros e desencontros, constituímos a nossa singularidade de acordo com o que nos foi tocado e sentido, modificando a noção de que educar é mera condução, ou reprodução/transmissão; educar antes de tudo passa pelo corpo, pelas vivências, pelos afetos, pelos signos que nos são tocados, há algo fora dos protocolos didáticos e metodológicos, assim, como há algo no processo formativo ligado efetivamente a singularidade prenes de sentidos. É por isso que o tipo Zaratustra jamais se colocaria como um educador tradicional. Seu

manejo, sua expressão introduz o exercício, a atividade, caminha por uma perspectiva rica e desconcertante para a própria educação ligada aos universais.

Isso lembra a ideia do mosaico retratado no texto de Jörg Salaquarta (1997, p. 19), bastante apropriada para pensar o Zaratustra de Nietzsche e seu efeito constitutivo, já que pode nos remeter a imagens não fechadas, mas que se constituem como peças, obras, algo que se faz, que se cria em pedaços, que se decora diante do próprio jogo criativo. Ele não está pronto, seu ser é um vir-a-ser, é alguém que se preocupa em tecer, cortar e costurar, contar sua história. Mesmo sendo abordado sob a perspectiva do individual, constitui-se em suas relações com os outros, sem, porém, negar a necessidade de estar consigo mesmo no justo exercício de reflexão, apropriação e desapropriação. Ele se mostra nesta relação, que pode fecundar a sua sabedoria, pois não se dá por acúmulos de saberes, mas diante de um mundo gerador de experiências vitais acolhedoras de outras experiências. É na relação entre conhecimento e vida que ele se constitui na exigência de uma viagem sem porto seguro, de uma viagem em direção a outras passagens, ou mesmo sem fronteiras. Durante essas passagens, muitas coisas mudam de lugar, saltam para outras perspectivas. O mosaico Zaratustriano, por assim dizer, permite fazer imagens em aberto, dobraduras, coberturas de cores variadas, o mundo vai entrando no seu corpo como pequenos cristais, sem saber a chegada, sabe que nunca pode ser o mesmo, ele, assim, comporta em seu corpo-vida, (re)nascimentos, então, o eu sempre vai para uma multidão, para uma pluralidade de forças, sempre misturado na pele de criança. Isso tudo compõe um adestramento, uma abertura, uma partida, uma crítica, um estranhamento, ou mesmo uma (trans)formação ou transmutação. O chamado imagético do personagem é criador e inventivo de si. Neste sentido, procura mostrar que sua formação se desdobra em sua própria constituição e expropriação, na sua própria figura que se articula em seus experimentos e nas suas apresentações retratadas na obra.

O seu experimento formativo se dá pela criação e é com esta base expressiva que Zaratustra fomenta sua educação de si mesmo, porque ela pressupõe o componente da liberdade. Esta educação, no entanto, não se configura como ato violento, embora passe pela violência do pensar, pela não naturalização das ideias, pelo fora o atravessa, pois ele conduz a si mesmo em sua própria medida. O processo formativo que ele nos mostra tem um sentido metafórico da gestação, do alimento, do gerar, do imaginar, do inventar, do produzir, do elaborar, do promover, do nascer, do cultivar e do crescer. Há um componente artístico em sua educação de si. Ele promove esse efeito para si mesmo

e pode perfeitamente inspirar seus leitores. Por isso, a reflexão desta obra para a Filosofia da Educação nos permite transitar diante de um "tipo" formativo que vai para além da moralização e percorre um caminho que reivindica o que seja criador, daqueles que desejam acima de tudo superar-se, para além do dever, da lei imposta, das verdades dadas, da cultura utilitarista e massificada. Portanto, não é como imposição, ou como alguém que pretende conduzir, levar, como mostra a acepção tradicional da ação educativa, que Zaratustra se apresenta, mas como alguém que na ação de sua formação pode tocar, apresentar afetividade, porque ele mesmo é tocado pela vida, pelo mundo e por seus experimentos. Além disso, tais experimentos não se apresentam naturalizados, ou essencializados, são construídos e retalhados por meio de seus encontros.

A ideia de formação que se pode perceber nesta obra aponta para uma disposição do próprio viver, e isto dá a possibilidade de se pensar uma educação radical, para além da mediocridade das pedagogias modernas⁹, que precisam acima de tudo de fundamentações. A rebeldia de Zaratustra se configura quando ele mostra, através de si mesmo, que "a formação" não está dentro de uma "fôrma", mas o "formar" precisa da criação, há uma espécie de arte, de estilo, pois não há corpo humano que não seja dilatado, agitado, costurado pelos tecidos elásticos. A formação Zaratustriana abre o corpo para um lugar de plasticidade, assim, ele se constitui, se reconstitui, se reelabora, não está dado, formatado ou mesmo acabado. O seu corpo perfura a pedra, escava o mármore, a parede, abre trilhas, transita entre a tristeza e alegria alargando a vida no que é possível diante de suas relações e vivências.

A educação escolarizada perpassada por níveis de ensino e série dá a entender que a pessoa em formação aprimora seus saberes e conhecimentos em cada grau de ensino e quando chega a um determinado grau de escolaridade sua formação está concluída, como se a educação pudesse ser controlada e instrumentalizada. Mesmo que

⁹O pensamento pedagógico é tributário de certos sistemas ontológicos, éticos, antropológicos, epistemológicos. Destaca-se, no modelo antropológico, mais precisamente no século XVIII, em que se formula uma espécie de concepção de natureza humana que foi difundida na pedagogia moderna, em que o indivíduo é compreendido como uma particularidade do universal. A sua educação era destinada a aperfeiçoar o caráter moral de si. Sendo deduzido de um sistema filosófico, o desenvolvimento do homem visa à correção, à ética aplicada à pedagogia. Vincula-se a uma concepção idealista de formação, pela qual a certeza do desenvolvimento da criança visa ao equilíbrio. Pode-se dizer que a ideia de fundamento, enfatizada pela metafísica ocidental, onde tudo tem uma razão de ser, leva à busca de fundamentos para as certezas e verdades, procurando garantia e segurança. Os fundamentos seguros levam a uma pedagogia segura para a formação. Essa concepção vem ao encontro de formas que visam a um aprendizado seguro, normalizado, que garante o agir pedagógico. Pode-se dizer que Nietzsche provoca este tipo de concepção com o seu pensamento crítico em relação aos fundamentos, às certezas, às garantias do bom aprendizado, bem como da razão e da própria moral. Muitas posturas da educação decorrem do entendimento de que há uma natureza humana para ser resgatada, formada, um 'eu' puro que precisa ser descoberto, identificado, que possibilite o aperfeiçoamento gradual de sua moralidade e valores. Conhecendo a natureza humana, é possível se constituir um método para se ter o verdadeiro êxito do processo educativo. (Cf. HERMANN. Nadja. Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação. In: O que é Filosofia da Educação? Paulo Ghiraldelli Jr (Org). Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 141).

seja assim tratada, ela vai além dos meros desenhos curriculares, da acumulação de conhecimentos. A perspectiva de formação Zaratustriana comunica para além de tudo isso. Assim, a ideia, que nos faz pensar Zaratustra, de expressão, de experiência e de expropriação, leva para algo que procura a desapropriação de si mesmo.

Em uma direção educativa, Zaratustra, ao dialogar com o silêncio e a solidão¹⁰, olha para si. Tornar-se mais prudente, sábio, deve ser entendido como uma territorialidade que se permite desdobrar em criação, sempre disposta a ser habitada por desenhos e formas, cores e relevos, que possam esculpir não um tipo degenerado, sem paixão, sem caos, mas um tipo que possa saber resistir ao aburguesamento da vida (LESKY, A. 1971). Portanto, sua solidão é ativa e a presença ainda da solidão em todo o seu percurso não pode ser vista como a presença do perecimento. Ao contrário, ela se configura como perspectiva de retomada e criação, força plástica.

É exatamente por compreender a pobreza cultural do seu tempo que Zaratustra convoca a si mesmo a *como se tornar o que se é*, dessa maneira amplia o nosso olhar sobre o tipo de cultura e formação dada na época do lucro e do comércio, não sendo mais *Bildung*, em seu componente mais rico e humano, há uma paralisação para o cultivo e a nobreza, apontando, deste modo, a dificuldade para o exercício da superação. Sabendo disso, ironiza a formação dos modernos e reconhece que a cultura em que vive é o protótipo da preguiça, do desânimo, da opinião, da mediocridade, do senso comum, versando constituir-se numa mistura miserável. Convocando para longe do sono, ele se põe a si mesmo a fazer o seu percurso, atravessar o rio da vida, a enfrentar as águas sujas e limpas, pois não é o outro que deve ser o condutor, senão ele mesmo, porque não existe mais aquele capaz de conduzir, de inspirar, de convocar e de instigar.

Por tudo isso, Zaratustra educa-se a si mesmo de duas maneiras: na primeira, ele vai descrevendo como se tornar cada vez mais a si mesmo, pelas suas tensões, erros e experiências; na segunda, ele exige de si mesmo a possibilidade de superação, o uso da sua palavra e da sua comunicação, tornar-se exemplar, pois todo aquele que entende que educar vai para além da modelação precisa afirmar para si mesmo a exigência de arriscar e confrontar, ou seja, há a necessidade do posicionamento diante de tudo aquilo que vive, colocando-se diante da denúncia e da crítica, mas também diante da criação.

¹⁰ Esta temática vai estar ao longo da obra, mas a solidão não é isolamento, afastamento do mundo, da vida ou mesmo da história. Não é um desejo de isolamento dos homens, pois Zaratustra sente necessidade deles. A solidão é sempre a forma de se rever, repensar, tornar-se mais forte, para não ser seduzido ou influenciado pela multidão. A solidão deve ser compreendida como atividade, como força que se quer mais, solidão ativa. O maior efeito que um educador poderia oferecer ao seu aluno seria a reconciliação com a solidão, algo efetivamente difícil em tempos sombrios, em tempos modernos. O Zaratustra de Nietzsche é inspirador para se pensar tal questão.

Ou seja, Zaratustra carrega-se a si mesmo e ao seu destino. A tarefa educativa que ele se impõe é ser diferente daqueles que esbanjam a preguiça, a falta de coragem, a falta de rigor, dos que têm medo de uma sincera nudez. Sendo exemplar, deseja encontrar e perder-se a si mesmo, não renuncia e não se esconde; portanto, se autodetermina. Ao expor a sua condição de existência sem se acovardar, conseqüentemente suscita lições quando toca, afeta aqueles que desejam buscar a sua totalidade, a sua própria lei e comando. Assim, exercita a autoconfiança, o desmascaramento de todos os valores tradicionais, porque não comunga com a vida confortável, dos bons costumes e dos bons hábitos e da felicidade comprada. Dessa maneira ataca e sustenta aquilo que pensa. Educa na medida em que comunica. É assim, que ele se torna um educador profundo, responsável, corajoso não só com sua existência pessoal, mas sugere que os homens dispostos para uma vida superior e rara elevem-se contra a baixeza. Como fala Salaquarda:

Zaratustra representa o tornar-se si mesmo de duas maneiras. Por um lado, Nietzsche descreve **como** ele se tornou e se torna cada vez mais ele mesmo, ou seja, através de erros, tentações, experiências, etc. Por outro, a obra expõe o **que** o motiva e, sobretudo o que ele tem de superar. Modelar é, ou melhor, deve ser somente o primeiro aspecto; o segundo mostrar-se exemplar apenas na medida em que o homem, que quer encontrar a si mesmo, precisa ter coragem de sustentar suas opiniões como de atacá-las (...). Em parte alguma lhe é dado esconder de si mesmo, por covardia ou preguiça, o que com efeito há muito tempo melhor conhece (...). (SALAQUARDA, J. 1997, p.20)

Com suas narrativas exemplares, através de guerras, vitórias e fracassos, talvez muito mais com os fracassos, ele vai compondo uma narrativa de si, contando a si mesmo, educando-se a si mesmo, sendo conduzido por suas próprias ferramentas e instruções que foram encontradas ao longo de sua caminhada. E ao educar-se permite que cada um, por meio de suas narrativas, seja tocado em tudo que possa ter de mais nobre em si. *Pois todos os homens que têm em si um impulso heroico qualquer para os seus próprios alvos extrairão uma grande força do meu Zaratustra*¹¹. Nietzsche defende a força educativa de seu Zaratustra, ele é educador. Daí entender que se educar é caminhar juntamente com aquilo que há de mais humano em nós. Ou seja, aqueles que têm um impulso heroico, que são capazes de atravessar o seu si mesmo, sem receio, sabem escutar e dialogar com Zaratustra e com ele podem aprender.

¹¹Ibid, p. 17-39, 1997, p. 20. Cita uma carta de Nietzsche escrita em abril de 1884 a Paul Lanzky.

Zaratustra vai escrevendo e reescrevendo de modo singular o seu "tornar-se", no sentido de que "tornar-se" é tornar-se criador de si mesmo. Por isso, pode-se dizer que ele torna-se educador porque educa a si mesmo e é exatamente isto que o torna exemplar. Isto quer dizer que a *Bildung* antes de tudo requer a educação do educador, que seja introduzida em si para depois compartilhar o processo educativo com outros, o que vai sendo composto em Zaratustra porque ele também exercita a narração, mostra seu aprendizado e se posiciona, exatamente o que ele não consegue perceber na sua época. Ele ensina¹² (*ensigno*) no momento em que se pode fazer uso do entendimento de sua trajetória, ou seja, quando se pode significar, dar sentidos, interpretações, perspectivas à sua escrita, de modo que somos ensinados a partir de indícios, sinais, indicativos e sentidos que ele nos oferece, porque ele oferece a si mesmo. A tudo isso podemos dar outros sentidos, criando, gerando significações, a partir de seus ensinamentos (*ensinamentos*). Os seus ensinamentos não podem ser compreendidos como amarras, que nos aprisionam a um modo de caminhar à sua maneira. Ao contrário, vê-lo como ensino (*ensigno*) é perceber no aprendizado de Zaratustra indícios constitutivos que o "conduzem" da mesma forma que conduzem a nós mesmos a querer gerar interpretações a partir do seu *como se tornar o que se é*.

Zaratustra necessita de um grande tempo para si. Só depois de se achar "preparado" se deve estar entre outros novamente. Aquilo que nos educa são os próprios desafios do personagem, e os sinais "indicativos" fazem com que cada um de nós possa chegar próximo de si quando tocado por seus experimentos. Portanto, não é como doutrina, como moral, que Zaratustra expõe seus ensinamentos, mas como alguém que ao falar consigo mesmo, ao dialogar com outros, ao experimentar suas próprias histórias, nos permite ir ao encontro de nós mesmos. É tocando a intimidade, a afetividade, a força de cada um de nós e de todos aqueles que estão dispostos a ouvi-lo e questioná-lo, fazendo perguntas para ele e para si mesmo que se pode ver o que há de formativo em Zaratustra. No transcorrer do livro, claramente Zaratustra não deixa de sugerir e pensar uma *Bildung* (formação) em algumas seções, o que leva a dizer que entre outras coisas a obra se posiciona sobre a formação e a cultura.

¹² A etimologia da palavra ensino vem do latim *Insigno*, as, ãvi, ãtum, ãre, por *insignire*. E ela nos inspira a pensar que os 'ensinamentos de Zaratustra não são colocados como fórmula, norma, instrução, determinação de conteúdos, mas como sinais, sentidos, como a própria escrita da palavra em - *signo*. Ou seja, seus ensinamentos são *signos*, sentidos, que estão para serem interpretados. (Cf. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.).

Pode-se dizer que há todo um tipo especial de *Bildung* reconfigurada, amarrada e tecida por Zaratustra como fio constitutivo. Essa *Bildung* vai de encontro à barbárie cultivada, à formação generalizada da sua época, que não é propriamente *Bildung* no seu caráter de elevação, cultivo espiritual, aperfeiçoamento, cuidado e trato consigo mesmo. Longe do tipo da *Bildung* conformadora, que quer dar forma, quer operacionalizar e instrumentalizar a vida, Zaratustra quer aperfeiçoar especialmente os sentidos, o gosto, o saber sentir, o ouvir, o demorar-se. Ele quer propriamente cultivar-se. Portanto, aquilo que se realiza na singularidade nos dá aberturas para pensar em uma direção cultural. Assim, ele vai contracorrente de todo tipo de formação que aniquila a elevação do homem. Vai também de encontro à formação que efetiva verdades e certezas absolutas, que dogmatiza teorias e práticas, que massifica a singularidade, que pretende a universalização. Do mesmo modo, a *Bildung* que pode inspirar rejeita o pragmatismo racionalizado em práticas utilitaristas. É por isso que a *Bildung* atravessa a obra, sendo introduzida como um fio que corta lentamente todo tipo de prisão e aniquilamento do indivíduo. O personagem central faz questão de destacar e evidenciar o tipo cansado.

Zaratustra procura os desafios, caminha pelo proibido, o que não é aparentemente visto, se fortalece no gelo e na montanha. A metáfora da montanha possibilita a Nietzsche fazer com que Zaratustra olhe de cima a miséria do homem moderno, a sua mesquinharia, a vida barata, a falta de compromisso consigo mesmo, a sua banalidade, o desejo do conforto imediato. A *Bildung* sugerida por Zaratustra não visa de modo algum ao contentamento da vida medíocre. Ao contrário, ela é tecida diante dos confrontos vitais dos quais ela não pode querer escapar, e é denunciando, fazendo com que o homem veja o que há de perverso e desumano em sua "formação", que ele pode enfrentá-la e desenvolver uma espécie de defesa, um contra-argumento, estímulos para se afastar da preguiça reinante.

Por exemplo, o diálogo com os discípulos se torna importante para o conteúdo educativo da obra e daquilo que Zaratustra pretende dizer. Pois o educador profundo, o que o diferencia de outros educadores, não visa à criação só para si. A sua relação com os discípulos não pode ser compreendida como via de mão única. No momento em que eles ajudam Zaratustra no seu processo de tornar-se, do mesmo modo, ao discursar, ao desmascarar a vida empobrecida, Zaratustra incita o processo criador e libertador de todos os valores tradicionais, para todos aqueles que desejam ouvir o que há de maior

em si mesmos. Os discípulos são figuras importantes, tanto diante daquilo que Zaratustra visa denunciar, como naquilo que eles incitam com sua presença.

O que se pode chamar de "experimentos" Zaratustriano, e, portanto, sua educação, é dar para si mesmo a possibilidade de se permitir mudanças, convivências, encontros e desencontros. Os discípulos fazem parte desse processo de tentativas, de diálogos, de criação e recriação de sentidos. As conversas com eles podem inspirar indicações do que seja compreender quem é o *educador Zaratustra* e como ele pode inspirar indícios para se pensar outro tipo de *Bildung* fora da perspectiva reinante da sua época.

A *Bildung* que Zaratustra desenha em seu próprio corpo e pensamento é de superação, exige afastar-se de tudo que é pequeno, tudo que deseja ver o homem apenas como operário utilizável e isso demarca não só a denúncia de sua cultura, mas o próprio descrédito que ele vê na formação da sua época, pois esta não pode dar possibilidade para que o indivíduo *torne o que se é*. A tensão que Zaratustra expõe é como saber viver ou conviver diante de uma cultura que perdeu de vista a seriedade sobre tudo que seja humano. Ao contrário de tudo isso, ela exige a ambição por tudo que eleve o homem, que o torne mais nobre e sublime, que o ligue ao cultivo de si e que o coloque à distância do barateamento da vida. Essa formação não está preocupada com a formação de funcionários, com as competências, nem com aquilo que se chama "profissão", pois não se determina pelo que é útil. Ela polemiza o tipo de formação vista por Nietzsche em sua época, e por que não dizer, na nossa época também. Isso é posto, porque não há como ter satisfação quando se vive diante da pobreza cultural e educacional. E são exatamente as pessoas mais tranquilas e as que têm as mãos mais grosseiras que fazem da educação o seu instrumento de trabalho. Isso em Zaratustra/Nietzsche não pode ser aceito sem crítica.

Neste sentido, a *Bildung* tecida por meio de Zaratustra é entrelaçada entre fios e cordas que desafiam os nós, os dogmas, os valores e as verdades determinadas, o imediato, o passageiro e reivindica a prudência, a calma, a solidão, o silêncio, o acontecimento, a interrupção, o pensar, o escutar, o demorar, o detalhar, tudo aquilo que é quase imperceptível, ou seja, não é com pressa que se pode educar para a singularização, mas é com a escuta delicada e calma que se pode ouvir atentamente, esse é o desafio para o homem, é o seu próprio desafio. Por isso, a ideia de experiência (*Erfahrung*) destacada acima é tomada pela inferência da criação, e a vida deve ser concebida nesta perspectiva. Portanto, pode-se dizer que o termo cabe muito bem em

todo o percurso de Zaratustra e ele nos conduz diante do seu aprendizado, dando a entender que experimentar é pôr-se à prova e abrir-se para sempre a novas travessias. Assim, não pode haver receio do perigo, do acontecer, do desdobrar, o que leva à possibilidade de transformar, dar outro sentido e valor, criar, por assim dizer, ou tornar-se, é isso que ele procura fazer em sua aprendizagem, no seu processo de educar-se a si mesmo.

Sem dúvida, Zaratustra ironiza de forma cruel o processo cultural do homem moderno, quando convoca os seus próprios esforços para sua condução, para o seu educar, visto que no momento em que vive ele não percebe a presença da "autoridade", do "legislador", ou mesmo a seriedade com a formação. É neste sentido que não tem receio de permitir a si mesmo a lançar-se para o seu processo de aprendizagem, educar a si mesmo, pois não há mais educador sério para isso. Então, legisla para si mesmo e não para os outros, torna-se educador de si mesmo e não de outros. Com isso, ele leva a cultura e as formações modernas a perceberem o seu próprio escândalo, ou seja, sua própria decadência.

Pode-se especular: até que ponto a experiência Zaratustriana não poderia ser um guerrear, uma provocação contra a perspectiva de ensino/educação instrumentalizado/a? Não seria um convite à educação escolarizada para repensar suas práticas educativas? Em que medida essa educação chega a promover a criação, a produção, a constituição de si mesma? Como é possível pensar o educativo para além da banalidade? Há ainda possibilidade de pensar a educação para além da barbárie reinante nas instituições? Em que medida Nietzsche/Zaratustra pode nos ajudar nessa reflexão? Qual o tipo de educador vigente? Quem legisla e quem tem autoridade diante dessa cultura que exalta a barbárie cultivada? Este estudo pode oferecer alguns pequenos barulhos para ser pensados. A educação não passa somente pela adaptação, sua maior grandeza é a criação, diferentemente da formação pragmática que já dá tudo padronizado, negando, assim, todo o potencial criador do indivíduo, e, portanto, de experiência. A *Bildung* que visa ao cultivo, à atividade criativa, não visa à opressão, à alienação, que fazem com que a maioria dos indivíduos não possa compreender os componentes culturais da vida humana (como a arte, a filosofia), porque aparecem fora da experiência. Essa formação mutilada, Zaratustra nega, pois isto só faz com que o homem leve uma existência rasteira, mecânica, parasitária, insignificante, porque isso já não é mais formação, mas, sobretudo, danificação. Essa cultura mofada possibilita ao homem tornar-se estagnado

diante da vida, porque objetivando sua existência só contribui de imediato para a reprodução. Neste sentido, o homem pode tornar-se mero objeto manipulável.

Desafiando a mediocridade, o pequeno homem (o último- homem) e a pequena cultura, faz em si mesmo o trabalho criador de novas afirmações vitais, o cultivo, a prova de si mesmo. Seu educar-se a si mesmo é desafiante e desconcertante para um mundo que perdeu de vista o desafio de fazer, de cometer, de arriscar, de promover. Há cada vez mais a raridade de experimentar um mundo em que a vida está sob a mira do superficial, do momentâneo, da opinião, da pressa exacerbada, da técnica exagerada, da vida em que tudo parece formatado e acabado. Do mesmo modo, todos os aparatos educativos estão esfacelando a experiência quando instrumentalizam o homem, imediatamente morto em criação, pois quase sempre se dá tudo modelado. Por outro lado, se danifica de imediato aquilo que possa ser próprio e cultural do indivíduo.

Zaratustra "inspira" (porque provoca) outro tipo de formação (*Bildung*), ao mesmo tempo em que convida, através de sua imagem, do seu aprendizado, a desafiar e desconcertar uma vida que se pôs naturalizada na vida reificada, essa é uma de suas ironias, que os modernos não conseguem perceber em profundidade, são filisteus¹³ demais para enxergar, são mansos demais para serem provocados, diante do tipo de barbárie em que estão inseridos. Zaratustra através de si mesmo, convoca a se pensar outro modo de vida, de valoração, de constituição, sob pena de o homem não sucumbir totalmente à miserabilidade reinante.

A obra não pode deixar de ser visualizada como um romance de formação (*Bildungsroman*), que, ao mostrar a viagem de formação de Zaratustra, amplia agudamente tudo que é mais apreciável e significativo para os modernos, nos alerta para se repensar o que a educação de hoje está fazendo conosco e como, por meio da resistência Zaratustriana diante de uma vida moralizante, da superficialidade, da pequenez da vida, do enfraquecimento do indivíduo, se pode pensar uma formação condizente com a liberdade criadora, já que esta não existe mais. Não é ingenuamente que o personagem central se posiciona, ele o faz porque julga necessário. Compreende

¹³Filisteu: 1- relativo ao povo não semita e inimigo dos hebreus que habitava a Filistéia ou Palestina, desde o s. XII. a .C. 2-que ou aquele que é ou se mostra inculto e cujos interesses são estritamente materiais, vulgares, convencionais, que ou aquele que é desprovido de inteligência" (Cf: Dicionário Houasis da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.) 'O termo "filisteu", que aparece na Bíblia, passou a ser empregado no século XVII, nos meios universitários alemães, para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres que execravam a liberdade gozada pelos estudantes. Personagem de bom senso, inculto em questões de arte e crédula na ordem natural das coisas, o "filisteu" recorria ao mesmo raciocínio para tratar das riquezas mundanas e das culturais (...)" (Cf: MARTON, Scarlett. Nietzsche: A transvaloração dos valores. 1993, p. 18). Nietzsche utiliza "filisteus da cultura" com certo desdém para designar a cultura sem compromisso e sem seriedade na Alemanha, legada ao interesse do capital.

que a *Bildung* moderna está ruída, travada nos seus sentidos mais profundos, pois ela é dominada pelos ditames mais grosseiros, arrastando-se cegamente para inclinações pobres. E todos aqueles que se colocam como condutores são cegos e servos do modismo imediato, são servidores apáticos do Estado, são meros funcionários, são operários utilizáveis da cultura ampliada, contribuintes, por assim dizer, da cultura mofada.

Com Zaratustra, Nietzsche apresenta sua filosofia, com todo o refinamento, com toda a dureza, mas com toda a alegria. Nesta obra, retoma novamente um ideal de sua juventude, em seu escrito "*Schopenhauer como Educador*"¹⁴: a necessidade de interligar filosofia e vida, vida e experimento; só neste patamar se pode ser educador. Portanto, pode-se dizer que Zaratustra, entre outras coisas, explora o seu potencial verdadeiramente educativo. Segundo R. Schacht¹⁵, em "Za/ZA", Nietzsche consegue explorar uma estética pedagógica que encaminha para um especial tipo de educação e de homem, em que o construa uma especial estilística de ser e de viver, algo pensado por Nietzsche, sob influência de Schiller e Schopenhauer. Em Zaratustra ele cultiva o desejo de construção de um espírito nobre, livre, superior, que exija de si mesmo o seu próprio comando. Diferentemente do homem do seu tempo que se entregava à vida do espetáculo.

Como obra formativa, "Za/ZA", visa ensinar a afirmação suprema de novos valores, estes envolvidos pela capacidade de auto-afirmar no devir constante, o que se pode visualizar na seção "Das velhas e novas tábuas". Portanto, exalta a contradição, pois é com esta compreensão móvel de mundo que o homem tem a capacidade de criação e de superação. É dessa forma que *se torna o que é*. Sendo a favor do movimento constante do devir, nega todo tipo de inércia e algo fixo diante da vida e do mundo. Com este tipo formativo, inaugura outra forma de pensar a formação (*Bildung*), para além da formalização do dever ou de um método que leve à "boa" conduta.

A obra, com grande lucidez, desenha o rosto do pequeno prazer, da pequena alegria, do pequeno homem. De modo mais amplo, desenha a imagem caricatural da modernidade. O homem moderno é aquele exigente das distrações, aquele que pede o lazer para não ser sucumbido pelo tédio, pelo marasmo do pequeno contentamento, aquele que é exigente de sua própria alienação, que vai aos domingos, por exemplo, ao

¹⁴ SE/Co. Ext. III.

¹⁵ Conferir o texto bastante interessante de SCHACHT, R. A Nietzschean Education: Zarathustra/Zarathustra as educator.

parque e à igreja para buscar o consolo para a sua vida, pois já não quer nada, não deseja nada. Este homem visualizado por Zaratustra não tem mais seta, não tem mais objetivo nenhum, não há mais caos para poder criar. É no enfrentamento dessa vida moribunda que Zaratustra lança o desafio tanto a si mesmo como a nós para "*como se tornar o que se é*".

Como é possível notar, se a formação não passa da pobreza instalada e massificada, a vida cultural esvaziada de sentidos, só resta a Zaratustra convocar a si mesmo para o seu experimento, para o seu exercício, para sua explosão rumo a si mesmo. Só resta educar a si mesmo, conduzir a si mesmo. E isso não pode ser visto a partir de uma vida estável, de um mundo dado, interpretado, ao contrário, o seu educar é exigente de uma vida que se quer em ebulição, construção e devir. E dessa maneira ele se propõe a constituir o seu aprendizado educativo, ao mesmo tempo em que é um inspirador por suas vivências.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BLONDEL, Éric. *As aspas de Nietzsche: Filologia e Genealogia*. In: Scarlett Marton. (Organização): *Nietzsche Hoje?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

DICIONÁRIO: *Hauaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Tradução de Bento Prado Júnior, e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HALÈVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Tradução de Roberto Contes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: 1989.

HAYMAN, Ronald. *Nietzsche e suas vozes*. Tradução de Scarlett Marton. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOLLINGDALE, R. J. *NIETZSCHE: The man and his philosophy*. Revised edition. Cambridge. University Press, 2001.

HOLLINRAKE, Roger. *Nietzsche Wagner e a filosofia do pessimismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

HERMANN, Nadja. *Nietzsche: uma provocação para a Filosofia da Educação*. In: *O que é Filosofia da Educação*. (Organização) Guiraldelli Jr. Rio de Janeiro: Autêntica, 2000.

HAYMAN, Ronald. *Nietzsche e suas vozes*. Tradução de Scarlett Marton. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JANZ, Curt, Paul. *Friedrick Nietzsche; infância y juventude*. Tradução de Jacob Muños. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

_____. *Friedrick Nietzsche; los diez años de Basilea. 1869/1879*. Tradução de Jacob Muños. Madrid: Alianza editorial, 1987.

_____. *Friedrick Nietzsche; los diez años como filósofo errante 1879/1888*. Tradução de Jacob Muños. Madrid: Alianza editorial, 1994.

LAMPERT, Laurence. *Nietzsche's Teaching: An Interpretation of Thus Spoke Zarathustra*. Yale University Press, new Haven and London, 1986.

_____. *Zarathustra and his disciples*. Nietzsche-Studien, band. 12, 1979.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Leituras SME, Julho, n. 4, 2004.

LESKY, Albin. *A tragédia Grega*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

MARTON, Scarlett. *Em busca do discípulo tão amado: Uma análise conceitual do prólogo de Assim Falou Zarathustra*. In: Revista Impulso. vol. 12, n. 28. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

_____. *Nietzsche: A transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

_____. *Nietzsche: uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MACHADO, Roberto. *Zarathustra: tragédia nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. *Zarathustra, o apolíneo e o dionisíaco*. In: Assim Falou Nietzsche. (Organização): Olímpio José Pimenta Neto, Miguel Angel de Barrenechea. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Despojos de uma tragédia*. Tradução de Ferreira da Costa. Lisboa: Editora Educação-Nacional, Lda, Relógio D'água, 1944.

NIETZSCHE, Friedrich. *Así habló Zarathustra: Un libro para todos y para nadie*. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

_____. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Schopenhauer como Educador*. In: Escritos sobre Educação. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Schopenhauer como Educador*. [http://www. Nietzscheana. Com.ar/schopenhauer_como_educador.htm](http://www.Nietzscheana.Com.ar/schopenhauer_como_educador.htm) (Nietzsche em Castellano. Schopenhauer como educador. Traducción de Luis Moreno Claro. Madrid, 1999).

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: Philosopher, psychologist, antchrist*. Princeton: Princeton University Press, 1974.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: Biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editoria, 2001.

SALAQUARDA, Jörg. *A concepção básica de Zarathustra*. Tradução de Scarlett Marton. In: Cadernos Nietzsche, n. 2: São Paulo: 1997.

SCHACHT, Richard. *A Nietzschean Education: Zarathustra/Zarathustra as educator*. Orseber–Rorty, Amélia. *Philosophers on Education – New historical perspectives*. Londres: Routledge, 1998.